

RELAÇÃO ENTRE O COMPLEXO DE ÉDIPUS E A FORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA PSICÓTICA

Jhordana Costa Araújo¹Lívia de Oliveira Teixeira Dias Carvalho²

RESUMO: O complexo de Édipo é caracterizado pelo enamoramento da figura do sexo oposto e pela rivalidade sentida em relação à figura do mesmo sexo (tendo como personagens aqueles que exercem as figuras materna e paterna). Tal conceito se desenvolve na infância e possui três tempos delimitados, os quais serão imprescindíveis para a formação da estrutura psíquica do sujeito. No entanto, ainda há uma resistência em falar sobre o tema. Diante disto, este artigo tem como intuito desmistificar tais conceitos por meio da aquisição do conhecimento sobre eles; visto que é um acontecimento comum a todos e que é crucial na constituição do sujeito. Foi realizada uma análise bibliográfica dividida em três etapas, sendo analisado o complexo de Édipo, a estrutura psicótica e a relação e influência que existem entre eles, sob a perspectiva dos psicanalistas Freud, Lacan e Quinet, desenvolvendo um diálogo entre esses autores.

PALAVRAS-CHAVE: Complexo de Édipo, estrutura e psicose.

RELATIONSHIP BETWEEN THE OEDIPUS COMPLEX AND THE FORMATION OF PSYCHIC STRUCTURES: AN ANALYSIS OF PSYCHOTIC STRUCTURE

ABSTRACT: The Oedipus complex is characterized by the falling in love for the figure of the opposite sex and by the rivalry felt towards the same sex figure (having as characters those who exert the maternal and paternal figure). Such concept is developed in childhood and has three delimited times, which will be indispensable for the subject's psychic structure formation. However, there still is a barrier for talking about it. Towards that, this article has the intuition of demystifying such concepts through the acquisition of knowledge about them, whereas it's not a usual event to all and it's crucial in the subject's formation. It has been realized a bibliographic analysis divided in three stages, being analyzing the Oedipus complex, the psychotic structure and the relation and influence there are between them, under the perspective of the psychoanalysts Freud, Lacan and Quinet, developing a dialogue between these authors.

KEYWORDS: Oedipus complex, structure and psychosis.

1. INTRODUÇÃO

Para falar do Complexo de Édipo é importante compreender de onde veio tal nomenclatura e como se constituiu essa visão por parte da psicanálise assim, destaca-se que

¹ Psicóloga Clínica, graduada pelo Centro Universitário do vale do Araguaia, especializanda em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico pela faculdade Unyleya. E-mail: jhordana_araujo@hotmail.com.

² Psicóloga do Centro Universitário Unicathedral, Especialista em Gestalt-Terapia, Gestão Escolar e Docência na Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental com ênfase em psicopedagogia. Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC GO. E-mail: livia.carvalho86.psi@gmail.com.

Édipo Rei é um clássico da mitologia grega, que se refere à estória que aconteceu em um reino em que, com o nascimento de um filho homem, os pais foram consultar o Oráculo (atividade comum na época e região), o qual relatou que o filho dos reis mataria o pai e se casaria com a mãe. Diante da revelação, para evitar que acontecesse, os reis mandaram um servo matar a criança. Contudo, ele não a matou, mas doou-a para os reis de outro reino. Após muitos anos, quando Édipo já era um adulto soube da profecia do Oráculo para ele, e para evitar que isso ocorresse saiu de seu reino para não matar o pai. No caminho, Édipo entrou em batalha com uma caravana e matou seu pai, sem saber de quem se tratava. Ao chegar ao reino, desvendou o mistério da Esfinge (libertando a cidade do monstro), com isso, recebeu o trono como forma de reconhecimento pelos serviços prestados e se casou com a rainha, que se tratava de sua própria mãe. Cumprindo assim, as profecias do Oráculo (SÓFOCLES, 1988).

Freud utilizou este clássico da mitologia grega para nomear e se referir a um dos conceitos que criou, tendo sido observado em sua prática profissional, primeiramente em um caso específico e depois confirmado que todos vivenciam este processo, passando por ele na infância, por volta da fase fálica. A forma como ele é vivido influencia na formação da estrutura psíquica sendo nomeado de complexo de Édipo.

O complexo de Édipo consiste no enamoramento do filho pela mãe, firmado pelo processo de simbiose, assim o filho entra em disputa com o pai pela mãe, desejando sua morte para viver o amor com a mãe sem que nada o ameace, porém tudo isso ocorre a nível inconsciente. Desta forma, a execução dos papéis materno e paterno pelos cuidadores da criança é de extrema importância na definição de como e com quem a criança vivenciará este complexo, influenciando na formação da estrutura psíquica do sujeito. Conforme Laplanche e Pontalis (2001), o Complexo de Édipo pode ser entendido com um:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 77).

A partir da descoberta e formulação do conceito do complexo de Édipo foi possível pensar na existência da sexualidade infantil, dando subsídios para que Freud elaborasse a sua teoria do desenvolvimento psicosssexual, que se inicia na infância mais remota do sujeito. Sobre as fases descritas por Freud tem-se a primeira fase oral, de 0 a 18 meses, em que o sujeito investe sua energia libidinal na boca. A segunda fase é a anal, de 18 meses a três anos, caracterizada pelo controle dos esfíncteres. Posteriormente, vem a fase fálica, dos três aos seis

anos, na qual a criança começa a descobrir as diferenças de gênero, tendo suas genitálias como zona erógena. Esta é a fase em que as crianças descobrem o autoerotismo por meio da masturbação, e ainda, quando ocorre o complexo de Édipo (FARIAS; NANTES; AGUIAR, 2015).

Após a dissolução do complexo de Édipo, a criança passa para a próxima fase, a da latência, de seis anos até a puberdade. Neste momento a criança se concentra nas relações interpessoais (cultura), portanto há o desenvolvimento do ego e do superego suprimindo os interesses libidinais. Por último, a fase genital ocorre a partir da puberdade, de forma que o sujeito retorna sua libido para as genitálias, e começa a descobrir o prazer em outrem.

Estas fases são responsáveis pela formação estrutural do sujeito. Ao pensar esta questão de estrutura torna-se necessário retomar a Segunda Tópica Freudiana, na qual o Inconsciente dá lugar às três estruturas formadoras do sujeito, sendo elas: Id, Ego e Superego. O Id é nato do sujeito, sendo composto por desejos e vontades primitivas, instintos e pulsões pelo prazer de origem sexual. Já o Ego se desenvolve nos primeiros anos de vida, a partir da interação do sujeito com a sua realidade, ajustando os instintos primitivos com o meio social, sendo assim o mediador entre o Id e o Superego, ao passo que o Superego, sendo o resquício do complexo de Édipo, é responsável pela imposição das regras sociais, de acordo com a cultura, introduzindo ao sujeito o que é moralmente aceito na comunidade.

Com a formulação da teoria do desenvolvimento psicosexual, Freud quebrou paradigmas da época que ainda se mantém até hoje, os quais se referem à visão da ingenuidade infantil, isto é, acredita-se que as crianças não possuam sexualidade; no entanto, o termo sexualidade na psicanálise não se refere ao ato sexual em si, mas sim as zonas erógenas, as quais estão direcionadas as energias libidinais e pelas quais se obtêm prazer. Tal teoria foi um avanço para época e, atualmente, ainda é encarada como um tabu; porém, somente o conhecimento a respeito irá desmistificar tal senso comum, como cita Freud (1996),

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de várias consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual (FREUD, 1996, p. 163).

Lacan faz uma releitura do complexo de Édipo e da teoria de Freud em si, retornando ao mestre para criar sua própria teoria, e assim aconselha outros psicanalistas, para que ao invés de copiarem ou seguirem um determinado teórico, retornem a Freud para que a partir de sua teoria desenvolvam a sua própria forma de atuação profissional. Segundo Sadala e Martinho

(2011), “Pode-se verificar que Lacan se propôs a reler Freud, a partir de uma nova ciência — o estruturalismo — a fim de que a experiência psicanalítica fosse reconduzida a fala e a linguagem” (SADALA; MARTINHO, 2011, p. 247). É a partir da fala e da linguagem que se obtém subsídios para identificar qual a estrutura do sujeito, que é formada de acordo com a passagem dos tempos do complexo de Édipo. Ainda conforme estes mesmos autores, “Lacan faz o significante *complexo* operar, tal como Freud o fizera no *complexo de Édipo*, como um antecedente do conceito de estrutura. Existe, de fato, certa equivalência entre a definição de complexo e de estrutura” (2011, p. 245).

Lacan retoma a teoria de Freud e faz uma releitura de sua teoria por meio do estruturalismo, utilizando-o como base para a formulação de sua própria teoria, visto que o estruturalismo tem como proposição corpo e mente como dois aspectos da mesma experiência, sendo ainda sistemas paralelos; com ênfase na introspecção, como autoconsciência, em que a observação da experiência é direcionada ao objeto de estudo em si, e não às diferenças entre os sujeitos, ou seja, focando na estrutura e não na diferença existente entre elas. Diante disto, dissertam Marx e Hillix (2008),

Durante os primeiros anos da psicologia, na Alemanha, a psicologia estrutural era a Psicologia. A sua finalidade era a análise introspectiva da mente humana; a psicologia era uma espécie de química da consciência. A tarefa primordial do psicólogo era descobrir a natureza das experiências conscientes elementares e, subsequentemente, as suas relações recíprocas (MARX; HILLIX, 2008, p. 153).

Ainda com base no estruturalismo, Lacan falou sobre a existência de três estruturas clínicas que correspondem às estruturas psíquicas do sujeito, as quais são definidas pela passagem do Complexo de Édipo. Estas estruturas clínicas são essenciais no processo analítico, sendo delimitadas por meio do diagnóstico diferencial, o qual tem como intuito identificar qual a estrutura do sujeito, que define como funcionam seus processos psíquicos. De acordo com a Psicanálise; tal distinção é feita por meio da linguagem, verificando a estrutura de cada sujeito com base em sua fala. Para Sadala e Martinho (2011), “O determinante de uma estrutura clínica se situa do lado das defesas do sujeito. Com Lacan, lê-se o *diagnóstico diferencial* enunciado por Freud como *estrutural*, demonstrando assim que sua abordagem estrutural é retirada da obra de Freud” (SADALA; MARTINHO, 2011, p. 247).

O diagnóstico diferencial se difere do diagnóstico psiquiátrico, visto que o primeiro identifica a estrutura, a forma de funcionamento dos processos psíquicos, ao passo que o segundo tem como intuito identificar qual a patologia do sujeito. Antes mesmo de Lacan falar sobre o diagnóstico diferencial utilizando das estruturas psíquicas que ele definiu, Freud já

havia falado que os sujeitos funcionam por meio de estruturas e da importância do diagnóstico diferencial. Então, como salienta Quinet (2009), “É a partir do simbólico, portanto, que se pode fazer o diagnóstico diferencial estrutural por meio dos três modos de negação do Édipo — negação da castração do Outro — correspondentes às três estruturas clínicas” (QUINET, 2009, p. 19).

Tais estruturas, anteriormente citadas, referem-se à neurose, à psicose e à perversão. Estas descrevem a estrutura psíquica de cada sujeito, possuindo características específicas. A forma e dinâmica de funcionamento dos processos psíquicos são identificadas, principalmente, pela linguagem do sujeito, isto é, pelo ato da fala. Na neurose, a mais comum, o discurso do sujeito é conexo e de acordo com a realidade concreta; já na psicose, o sujeito possui um discurso desconexo, com uma fala megalomaniaca; enquanto que na perversão, a mais rara e de difícil identificação, o sujeito não apresenta empatia. Estas estruturas são definidas na fase fálica, por meio do processo do Complexo de Édipo.

A formação da estrutura psíquica ocorre pela passagem dos três tempos do Édipo, havendo sua definição de acordo com até em que tempo o sujeito passou. O primeiro tempo corresponde ao período em que a mãe coloca o filho no lugar de falo³. Nesse sentido, a relação torna-se dual, mãe/bebê, vivendo uma simbiose com dedicação exclusiva ao filho, que acredita que ele e a mãe são um só, o sujeito que se mantém neste tempo tem uma estrutura psicótica.

Já o segundo tempo ocorre com o processo de castração, em que o cuidador que exerce a figura paterna intervém na relação entre a mãe e a criança, colocando limites e impondo a Lei, no qual o sujeito que não passa para o próximo tempo possui uma estrutura perversa.

O último tempo é o da formação do superego, quando a criança já foi castrada e recalçou seus sentimentos amorosos pela mãe e de ódio pelo pai, e a partir daí apreende as normas sociais que regem a sociedade, passando para a fase da latência, com o investimento de sua libido sendo direcionada aos relacionamentos sociais. Desta forma, quando o sujeito passa por estes três tempos possui uma estrutura neurótica.

³ O falo desempenha um papel central, tanto no complexo de Édipo quanto na teoria da diferença sexual. Lacan geralmente prefere usar o termo falo” em vez de “pênis”, a fim de enfatizar o fato de que o que diz respeito a teoria psicanalítica não é o órgão genital masculino em sua realidade biológica, mas o papel que desempenha este órgão na fantasia. Daí Lacan geralmente reserva o termo “pênis” para o órgão biológico, e o termo “falo” para as funções imaginárias e simbólicas deste órgão. Jacques Lacan escolheu usar o termo “falo” para a representação imaginária e simbólica do pênis, a fim de distinguir melhor o papel do pênis na vida de fantasia de ambos os sexos a partir de seu papel anatômico. (<https://psicoativo.com/2017/10/o-falo-na-psicanalise-de-freud-e-lacan-explicado.html>)

Lacan teorizou também sobre a estrutura do inconsciente, lhe atribuindo o registro em três dimensões distintas e autônomas entrelaçadas de forma interdependentes, são elas o Real, o Simbólico e o Imaginário. O Real é aquilo que não possui sentido, não podendo ser simbolizado ou integrado imaginariamente. Enquanto que o Simbólico é expresso de forma mais concreta pela linguagem, sendo influenciado e influenciando a cultura. Já o Imaginário é a ilusão de autonomia da consciência, estando ligado às imagens e aos gatilhos de identificação de representantes. Lacan chamou de *nó borromeano*, um objeto formal que encontrou para nomear estes preceitos de forma reunida, representado por três círculos entrelaçados e inseparáveis. Mesmo sendo autônomos, eles atuam de forma conjunta; assim, fazendo alusão ao nó, quando uma das partes é quebrada, as demais não permanecem entrelaçadas, havendo um desequilíbrio em toda a estrutura (CESAROTTO, 2007).

Na psicose, não há a passagem pela dimensão do simbólico, fazendo com que o sujeito apresente um discurso desconexo. Assim, o sujeito é mantido na dimensão do real, por isso, comumente é dito que ele possui o inconsciente a “céu aberto”, sem tantas barreiras e rigidez como é possível observar no neurótico. O sujeito que apresenta uma estrutura psicótica pode ou não desencadear uma patologia, em decorrência de um conflito que o afete de forma brusca ou mesmo por um acontecimento que possa ser julgado como corriqueiro perante a sociedade.

Dissertar a respeito da estrutura psicótica não significa dizer que o sujeito possui uma patologia, mas sim que ele tem uma propensão para desencadeá-la, daí a importância do diagnóstico diferencial, que vai identificar a qual estrutura um sujeito pertence, diferente do diagnóstico psiquiátrico que categoriza o indivíduo dentro de um transtorno presente no CID-10 ou no DSM-5 (manuais vigentes atualmente de classificações patológicas). Como descreve Leite (2009),

Segundo Lacan, uma estrutura psicótica determina-se pelos acidentes ocorridos durante a elaboração do complexo de Édipo, durante a infância; o estado psicótico, porém, somente ocorre quando certas circunstâncias o desencadeiam. Assim, um sujeito com uma estrutura psicótica poderia nunca desencadear uma crise. Já alguém sem uma estrutura psicótica nunca seria um, “mesmo que quisesse” (LEITE, 2009, p. 360).

Diante disto, houve o intuito de desmistificar o complexo de Édipo como sendo uma realidade que é comum a todos, variando a forma como é vivido, uma vez que é a passagem pelos três tempos do Édipo que determina a estrutura psíquica do sujeito. Evidenciou-se de forma conceitual a importância do Complexo de Édipo, tanto para a população, ao lidar com seus dilemas e efeitos, quanto para o meio acadêmico, na formação dos profissionais da

Psicologia, que encontrarão diversos casos na prática profissional influenciados pela maneira que seus pacientes o vivenciam. E assim, fez-se ainda, uma análise da estrutura psicótica. Desta forma, o objetivo da análise fora explicar a forma pela qual o complexo de Édipo é vivido na passagem pelos tempos do Édipo, definindo a formação de uma estrutura psicótica, por meio de uma discussão dos conceitos teóricos e da maneira que são encarados por quem os vivencia.

Portanto, a princípio, fora realizada uma revisão da literatura (ou pesquisa bibliográfica) do complexo de Édipo, segundo alguns teóricos psicanalistas que se dedicaram a explicar sobre este conceito, assim como também, da estrutura psicótica e de sua formação, com posterior relação entre os conceitos apresentados. Segundo Bento (2012), a revisão da literatura é uma análise bibliográfica de trabalhos já publicados sobre um tema, de uma determinada área de estudo, sendo utilizado para a resolução de um problema e/ou para a produção de conhecimento.

2. METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma análise bibliográfica, dividida em três etapas, nas quais foram realizadas análises de conceitos teóricos da teoria psicanalítica, sob a ênfase de três autores. Conforme Gil (2010),

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo explanatório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa (GIL, 2010, p. 46).

Na primeira etapa analisou-se de forma conceitual o Complexo de Édipo da perspectiva de mais de um autor, com apontamentos em relação às principais características e implicações presentes no período de vivência deste Complexo.

Sendo assim, exemplifica e conceitua-se alguns dos comportamentos característicos da fase de vivência do complexo de Édipo, apresentando a importância de como ele é considerado e sua naturalidade, por meio de uma revisão teórica de autores contemporâneos.

No segundo momento, analisa-se a estrutura psicótica, com ênfase em suas implicações e características, principalmente em âmbito social, apresentando como se dá a formação desta estrutura, com base na vivência do complexo de Édipo. Diante disto, foram relacionados os conceitos e influências que um possui em relação ao outro.

Por último, utiliza-se da literatura de teóricos psicanalistas contemporâneos para fazer uma análise geral das implicações características da passagem pelos tempos do Complexo de Édipo, elaborando um paralelo entre a forma como são vividos os acontecimentos específicos deste período e a formação da estrutura psicótica. Assim, fez-se uma análise da relação entre os conceitos e da influência que o complexo de Édipo exerce sobre a formação da estrutura psicótica.

3. A FORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS A PARTIR DO COMPLEXO DE ÉDIPO

O complexo de Édipo consiste no enamoramento do filho pela mãe e da filha pelo pai. De forma que o filho vê o pai como rival na disputa pelo amor da mãe, possuindo certa hostilidade por ele. Após a dissolução do complexo firmando a castração, o filho recalca seus sentimentos pela mãe e passa a se identificar com o pai. Já a filha vê a mãe como irrelevante, tentando ocupar o lugar dela junto ao pai, por meio de comportamentos dóceis e carinhosos. Assim como ocorre com o menino, findando o complexo, ela recalca seus sentimentos em relação ao pai e começa a se identificar com a mãe. Como descreve Freud (1996),

A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer por parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado (FREUD, 1996, p. 101).

Lacan propõe o retorno a Freud para estudar sua teoria, dando continuidade a alguns conceitos, contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento da Psicanálise como ciência teórica e prática. Um destes conceitos foi o próprio Complexo de Édipo, descrevendo sua ocorrência em três tempos distintos, de forma que a passagem gradual por eles vai constituir a formação da estrutura psíquica do sujeito. “É sobre o Édipo freudiano que Lacan tenta precisar o que ele chama função paterna e, para isso, ordena o Complexo de Édipo em três tempos” (VIVIANI, 1985, p. 1).

O primeiro tempo do Édipo se refere à relação dual entre mãe e bebê, em que o bebê está na posição de objeto do Outro, de acordo com a mãe como ser faltante. Quando a criança fica presa neste primeiro tempo, não passando para os seguintes, desenvolvendo assim a estrutura psíquica psicótica, a qual possui o inconsciente a céu aberto e está sempre no lugar de objeto do Outro.

O segundo tempo é o da castração, em que a criança se vê ameaçada pela ocorrência da castração, feita pela figura paterna, representando a Lei, o qual retira a criança da relação dual com a mãe, mostrando que ela não está no mundo para corresponder as suas vontades e que existe um mundo além desta relação. Quando a criança fica presa neste tempo à estrutura formada é a da perversão, em que a criança é castrada e mesmo entendendo este processo ela denega a Lei.

O terceiro tempo é quando ocorre à formação do Superego. Neste momento, a criança recalca seus sentimentos em relação à mãe e é inserida na cultura, fato este que coincide com o período em que a criança entra na escola, sendo o primeiro contato social, fora do contexto familiar. Quando a criança passa por esses três tempos forma uma estrutura psíquica neurótica, a da maioria dos sujeitos.

O pai é mediado pela mãe. Vemos que, havendo uma intervenção efetiva do pai, há uma eficácia da função paterna e esta eficácia é um corte. Esse corte não é o corte do pênis; pensar no corte do pênis é uma castração imaginária. A criança, pensando que se não abandonar esse objeto vão cortar seu pênis como castigo, a fim de preservar o pênis perde o objeto. A castração é pensada como imaginária e efetivada como simbólica. A castração instaura as diferenças. A castração simbólica é esse corte, essa separação da célula mãe fálica-narcisismo, de onde surge um sujeito sexuado e desejante por essa eficácia de lei que instaura nesse ser sua falta (VIVIANI, 1985, p. 7).

Em relação à castração, sendo o marco mais importante para a consolidação do complexo de Édipo, é importante esclarecer que ela se refere à ameaça que a criança sente de perder seus órgãos sexuais. Esta ameaça é iniciada quando a criança começa a se masturbar e os pais a proíbem, garantido que se não pararem haverá punição. No entanto, esta ameaça de castração não é sentida até que a criança se depare com outra (igual a si, em termos de faixa etária) do sexo oposto, e com isso a criança sente a real ameaça, ao ver que o menino (que ainda não foi castrado) pode vir a ser castrado e perder o falo, assim como a menina deve ter sido, então, recalca seus sentimentos pela mãe e começa a identificar-se com o pai. Já a menina, se vê prejudicada, como já tendo sido castrada, e então começa o efeito inverso ao do menino, sentindo a necessidade de ser amorosa e carinhosa para compensar aquilo que lhe falta, buscando o falo futuramente com o casamento e a maternidade (FREUD, 1996).

Portanto, quanto à formação das estruturas, se o sujeito tiver passado pelos três tempos do Édipo, a estrutura psíquica formada será a neurose, pois este recalca para o inconsciente seus sentimentos de amor pela mãe e de desejo de morte do pai, aceitando a castração e respeitando as normas sociais de acordo com o seu superego. No caso do sujeito ter sido castrado, mas negou esta castração, não passando pelo terceiro tempo do Édipo, forma-se a

estrutura psíquica perversa como resultado da denegação, o qual não aceita o que foi lhe negado (o amor da mãe por direito), assim o sujeito sabe das leis e normas, mas não as obedece. E, por último, quando a criança não passa pelo segundo tempo do Édipo, não recebendo a castração, forma-se a estrutura da psicose, no qual sua realidade não equivale a da sociedade em geral, apresentando delírios (quando o adoecimento psíquico é desencadeado, como na esquizofrenia, por exemplo, o indivíduo apresenta alucinações sensoperceptivas), como resultado da forclusão.

Somente a partir do complexo de Édipo, que o sujeito passa do campo do Real para o Simbólico, sendo este crucial para a constituição do sujeito, inserindo-o no campo da linguagem e da falta como fator preeminente para a obtenção de prazer na busca pela completude, ou seja, é o responsável pela formação da estrutura psíquica. Quando o sujeito foi foracluído do Nome-do-Pai, que deveria inserir a Lei para que haja a cisão da simbiose entre mãe e criança, tirando-a do lugar de objeto de desejo do Outro, o sujeito não passa para o campo do Simbólico, permanecendo no Real, isto porque não foi introduzida a falta e nem a linguagem, as quais são adquiridas por meio da Lei imposta pelo Nome-do-Pai. Com isso, o sujeito forma uma estrutura psicótica. Desta forma, como comenta Leite (2007),

A forclusão (nome que Lacan deu a Verwerfung, um dos mecanismos de defesa do sujeito frente à angústia, descrito por Freud) seria um dos estilos de o sujeito lidar com a falta, seria uma das operações psíquicas possíveis, entre outras, para se enfrentar o Real, outro nome da angústia (LEITE, 2007, p. 357).

Com isso, fica claro a extrema importância da execução dos papéis materno e paterno, visto que por meio da maneira como estes serão executados e pela forma que a criança os vivenciará, será o ponto de partida crucial para a formação da estrutura psíquica do sujeito e consecutivamente de sua saúde mental. É importante salientar que nem mesmo a estrutura neurótica está imune ao adoecimento psíquico pela influência de outros fatores que venham a ocorrer posteriormente, porém quando se fala na clínica psicanalítica, apenas o neurótico é analisável; os perversos moldam e manipulam sua própria vida não havendo êxito no trabalho psicanalítico, já com os psicóticos, o trabalho ocorre na intenção do não desencadeamento do adoecimento em si, tentando levar o sujeito para a sua própria realidade, mas caso ele já tenha desencadeado uma esquizofrenia, por exemplo, o trabalho será para amenizar os sofrimentos causados concomitantemente com cada crise.

4. ESTRUTURA PSICÓTICA

O sujeito que possua uma estrutura psíquica psicótica possui dificuldades para viver em sociedade, isso porque como ele não chegou ao terceiro tempo do Édipo, não desenvolvendo o superego, que é o responsável pelas normas sociais, para uma “boa” vivência em comunidade, conforme o conceito de moralidade. Tal inconsciente não possui barreiras, as quais deveriam ser impostas pelo superego para se expressar, o que acaba causando conflito e rejeição social. Também é comum a presença de delírios, isto porque a realidade do sujeito é diferente da realidade do restante da população, sendo observado, principalmente, em seu discurso desconexo, o que gera incompreensão das pessoas com quem convive. Quinet (2006), descreve,

O delírio, vindo a suprir a forclusão do Nome-do-Pai, corresponde à definição de Freud: o delírio é como uma peça que se cola aí onde houve uma falha na relação do sujeito com o mundo da realidade, mundo que, como se sabe é, para o homem estruturado pelo simbólico (QUINET, 2006, p. 24).

Freud acreditava que o psicótico não era analisável, isso porque a regra fundamental da psicanálise é a associação livre, de forma que a fala do sujeito é o material mais importante da análise para o acesso aos seus conteúdos, diante disto, para ele a psicanálise se limitava aos neuróticos. Portanto, não extinguiu a possibilidade de que no futuro a psicanálise também compreenderia a psicose, com o avanço dos estudos sobre esta estrutura.

Freud se dedicou a estudar e explorar a neurose, não possuindo nenhum trabalho seu que fale exclusivamente da psicose. Os que falam sobre a psicose são comparativos entre neurose e psicose. Em um de seus textos que leva o nome de “Neurose e Psicose”, Freud disserta acerca das diferenças entre neurose e psicose, em relação à dinâmica de funcionamento dos campos Id, Ego e Superego em ambas as estruturas. Outro fator importante é que, ao analisar seus escritos verifica-se que ele se refere à psicose, entendendo-a como uma patologia, no entanto, em estudos de teóricos posteriores a Freud, como por exemplo, Lacan, entende-se que a psicose é uma estrutura psíquica, assim como a neurose, que pode ou não vir a desencadear uma patologia, um estado psicótico.

Segundo Freud (1996), a psicose é o desfecho de um distúrbio nas relações entre o Ego e o mundo externo. Quando a realidade frustra de forma muito séria o desejo, o Ego, que é o responsável pela mediação entre o mundo interno e externo, não tolera aquela realidade, criando outra para suprir as necessidades do mundo interno. A etiologia inicial da psicose consiste na frustração e não realização dos desejos infantis, os quais não são superados e permanecem enraizados na estrutura psíquica do sujeito. O caráter patogênico tem-se quando o Ego, como

mediador, fica preso nas determinações de realização dos desejos e instintos do Id ou ao mundo externo, às exigências de moralidade cultural.

Ainda em Freud (1996), a psicose é uma forma de fracasso do funcionamento do Ego, entrando em conflito com o mundo externo devido às exigências das partes que mediam (Id e Superego). Neste conflito, assim como na repressão, o Ego se desvincula do mundo externo, de forma que o Ego rejeita o Superego, retirando sua catexia dele. Diante disso, cria uma nova realidade para substituir a realidade que frustrou o desejo, de modo que a nova esteja de acordo com as exigências do Id. Assim sendo, o Ego falha na mediação das instâncias, se dedicando mais às realizações do Id.

Na psicose, o Id detém o poder sobre as outras instâncias, de maneira que, com Freud (1996, p. 206), “duas etapas pudessem ser discernidas, das quais a primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez para longe da realidade, enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id”. Isto porque o Id se rebela contra as predições do mundo externo, não se adaptando às normas impostas e colocando seus desejos em prioridade e necessidade exclusiva.

Os escritos de Freud sobre a psicose fazem referência a ela como o estado psicótico, que posteriormente com Lacan é discernido da estrutura psicótica, de forma que o estado psicótico compreende a psicose desencadeada, como uma patologia. Assim como na psiquiatria atual, em que há o foco na patologia, categorizando os sujeitos conforme as classificações dos manuais vigentes, atualmente.

Na Psicanálise ocorre de forma diferente, isto é, há como objetivo o diagnóstico diferencial, o qual tem o intuito de distinguir qual a estrutura psíquica do sujeito, não para categorizá-lo, mas sim, para que a partir do conhecimento da estrutura que o sujeito possui haja a escolha da forma de como dar continuidade à análise, de acordo com as características específicas de funcionamento que cada uma possui. “Sendo a análise uma experiência de significação, trata-se para o sujeito de atribuir significados aos significantes que o marcaram em sua história” (QUINET, 2006, p. 7). Tal significação ocorre por meio da linguagem, através da própria da fala do sujeito, na qual é apresentada sua relação com o Outro. Como cita Quinet (2006),

Tomar a palavras, fazer uso dela é algo que já evoca o Outro, lugar onde se constitui o sujeito (*je*) que fala com aquele que ouve. A dimensão de alteridade aparece a quem está falando e, nesse sentido, a situação analítica, que é uma forma de tomar a palavra, pode ser o desencadeador de uma psicose. Daí a importância do diagnóstico estrutural nas entrevistas preliminares, para o

analista conduzir a análise de acordo com a estrutura da psicose (QUINET, 2006, p. 21).

Lacan, em suas produções teóricas, se dedicou a estudar e escrever sobre a estrutura psicótica, explicando a forma de funcionamento psíquico desta estrutura, por meio dos seus seminários. Dando continuidade à teoria de Freud, Lacan dissertou acerca de pontos importantes, como por exemplo a formação das estruturas psíquicas, com maior ênfase ao funcionamento da psicose; a linguagem, como fundamental no processo de subjetividade e de interação social; entre outros, dos quais Freud não teve tempo em vida para estudá-los, mas até hoje são vigentes e servem de subsídios para novos estudos e formulações teóricas. Conforme Quinet (2006),

O inconsciente é estruturado como na linguagem. Mas para que o homem possa atribuir significação aos seus significantes e, portanto, à sua existência, é preciso que ele faça sua entrada no simbólico, já que a função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo que é humano pode ordenar-se (QUINET, 2006, p.8).

No entanto, sabe-se que a entrada do sujeito no campo simbólico só ocorre por intermédio do complexo de Édipo, com o complexo de castração em que a figura paterna insere a Lei, rompendo a relação dual entre a criança e a figura materna, retirando-a do lugar de objeto de desejo do Outro. Assim, instaura-se a falta como motor para a obtenção de prazer na busca pela completude, vindo também a inserir-se na linguagem, por meio da entrada no campo do simbólico.

Para Lacan, a linguagem serviu como norteadora para a definição das principais características da psicose, visto que por meio dela pode-se obter e observar as principais diferenças entre as estruturas psíquicas, na qual a psicose apresenta uma linguagem diferenciada, em que o discurso do sujeito é desconexo, megalomaniaco e foge do padrão de lógica considerada normal. Conforme Quinet (2006), “falar da psicose ao invés das psicoses é acentuar a psicose como uma estrutura clínica, uma estrutura que se revela no dizer do sujeito e que corresponde a um modo particular de articulação dos registros do real, simbólico e imaginário.” (2006, p. 3). Apresentando assim, uma linguagem característica da estrutura em decorrência desta articulação nestes três registros.

A linguagem é resultado da interação social e a influência, à vista disto, após a castração, a criança começa a formar o Superego, responsável pela moralidade, costumes e padrões sociais, assim como também o sujeito desenvolve e apreende a linguagem conforme o meio em que está inserido. Quando o sujeito não é castrado tem o desenvolvimento do Superego

comprometido, conseqüentemente, a linguagem será prejudicada, uma vez que não há inserção no campo simbólico, devido à forclusão do Nome-do-Pai. Acerca disto, descreve Quinet (2006),

Sendo o Nome-do-Pai o significante que permite ao sujeito entrar na linguagem e aí articular sua cadeia de significantes, a não-inscrição desse significante no Outro acarreta aquilo que é para Lacan a marca essencial da psicose: os distúrbios da linguagem e, em particular, a alucinação (QUINET, 2006, p. 16).

A alucinação como forma de distúrbio da linguagem na psicose, não se refere, exclusivamente, a uma alteração nos sentidos de forma orgânica (como pode vir a ocorrer nas crises da psicose já desencadeada), mas sim a uma alucinação verbal que se aplica a uma cadeia de significantes própria do sujeito, para criar um sentido naquilo que confere a sua realidade psíquica.

Diante isso, a interação social do sujeito também é prejudicada, isto porque o sujeito vive em sua própria realidade psíquica, discernindo ou não da realidade concreta, à qual não o interessa, em decorrência de estar vivendo em seu próprio mundo. Outro fator característico derivado deste processo é a inexistência das defesas do Ego, considerando que as vontades e desejos do Id prevalecem, assim, o inconsciente encontra-se a “céu aberto”, o que também pode vir a gerar conflitos sociais por causa do julgamento social.

Como o sujeito permanece no primeiro tempo do Édipo, ainda se mantém em um lugar de objeto de desejo do Outro, isto é, não se estrutura enquanto um sujeito “desejante”. Desta forma, seus instintos de prazer ainda estão presos no desejo do Outro, o que também é observado em seu discurso, no qual a prioridade sempre é a realização do desejo do Outro. Como não houve a castração, o sujeito ainda está em uma relação dual com o Outro e todos os outros com quem irá se relacionar em sua vida. Assim, por ser objeto de desejo do Outro, o desejo do Outro se torna o seu próprio desejo.

Lacan utilizou da curiosidade sobre a psicose para seus ensinamentos, sendo por meio desta que se pode compreender a estrutura do sujeito, visto que este estaria no campo do Real, sendo o único que poderia presenciá-lo. O psicótico não passa pelo campo do Simbólico, por este ser composto pela linguagem e interação social, com os quais não se relaciona e nem desenvolve da mesma maneira que no neurótico, que só pode ascender ao Real pelo Simbólico. Possuindo essas diferenças na linguagem, é por meio dela que é possível verificar qual estrutura o sujeito possui, sendo por meio desta que a análise acontece. Assim, essas estruturas também

são consideradas estruturas da linguagem ou da relação do sujeito com o significante (LEITE, 2007).

O ensino de Lacan propõe que tudo parte do significante. A psicose, tal qual a neurose, também é efeito desta estrutura (que recebeu o nome, em psicanálise, de complexo de Édipo). A psicose, como a neurose, seria decorrente de um acidente ocorrido durante a elaboração do complexo de Édipo – o qual teria por efeito a inserção, ou não do sujeito na ordem simbólica (LEITE, 2007, p. 357).

Para Lacan, a causa da psicose é a falta da instauração da ordem simbólica, a qual deveria ser ocasionada pela imposição do significante do Nome-do-Pai, que é o responsável por barrar o desejo da relação dual, estabelecido com a figura materna, havendo a castração e o recalçamento deste desejo. O Nome-do-Pai é a Lei, imposta pela figura paterna, que rompe com a relação simbiótica entre mãe e criança. De acordo com Quinet (2006, p. 12), “é devido à intervenção do Nome-do-Pai no Outro que a lei é instalada para o sujeito no lugar do Outro. O Outro se constitui para o sujeito como lugar da Lei, o Outro do pacto da fala”. Assim, o sujeito não atingiria o simbólico, ficando preso ao desejo materno, quando foracluído, pelo não barramento do Nome-do-Pai (LEITE, 2007). Como cita Quinet (2006),

O Nome-do-Pai é o pai enquanto função simbólica, é o pai simbólico, que vem metaforizar o lugar de ausência da mãe; é o significante que faz a mãe ser simbolizada. A função significante do Nome-do-Pai inscreve-se no Outro, que até então era para a criança ocupada inteiramente pela mãe (QUINET, 2006, p. 11-12).

O psicótico está aprisionado ao Outro, por não ter sido instaurada a simbolização, assim ele carece do significante da Lei. Com isso, o sujeito se mantém no lugar de objeto do Outro, que é absoluto, de forma que em todas as suas relações com o Outro este vem a se portar, assim como no primeiro tempo edipiano, como o falo imaginário da mãe (QUINET, 2006).

O Simbólico é decorrente da ação do Nome-do-Pai, que instaura a falta por meio da castração, que vem a ser o motor do desejo. Considerando que o psicótico não possui a ação do Nome-do-Pai, este não dispõe da falta, que é a responsável pelo movimento em busca de realização do desejo para obtenção do prazer, ou seja, o psicótico não possui a falta, sendo completo (LEITE, 2007).

Por intermédio da metáfora paterna, a significação do falo é evocada no imaginário do sujeito. Antes disso, não havia tal possibilidade. Mas o preço de tornar-se significante é o próprio desaparecimento do falo. O efeito da castração simbólica aparece no imaginário como falta (QUINET, 2006, p. 12).

Considerando que o psicótico está preso no Real, é nele que retorna o que é foracluído do simbólico, visto que a foraclusão se refere a não inclusão, de forma que o significante da lei está fora do circuito (QUINET, 2006). Desta forma, é somente com o psicótico que se pode conhecer sobre o Real, considerando que diferentemente do que ocorre nas outras estruturas, este não recebe influência e nem filtro do Simbólico, e nem é modulado pela linguagem. Por não possuir a separação entre os campos do Real e do Simbólico, o psicótico não substitui a satisfação total do prazer pela linguagem, isso porque ele não busca completude, por não ter a falta.

Desta forma, o psicótico é livre, por não depender da relação com o Outro para a realização dos seus desejos, não procurando no Outro o que lhe falta, isto, pois, como ele não foi castrado, não lhe foi inserida a falta como motor para seus desejos, sendo assim ele é completo e a realização de seus desejos só dependem de si mesmo. No entanto, seu desejo é o desejo do Outro, quer dizer, o sujeito ainda vive em uma relação simbiótica, como objeto de desejo do Outro.

O sujeito se mantém em uma relação dual com o duplo imaginário, assim como no primeiro tempo edipiano, em que vivia em uma relação dual com a figura materna, muitas vezes, este par continua sendo a própria mãe. Enquanto que, a figura paterna, por não possuir uma função simbólica, é considerado como uma imagem ou mesmo como inexistente.

Devido a foraclusão do Nome-do-Pai, não ocorre a castração, conseqüentemente, não ocorrendo o recalçamento e a identificação com a figura do mesmo sexo, posteriormente. Assim, ao longo da vida, o psicótico se identifica com vários personagens que lhe norteiam no que deve fazer. Deste modo, esse usa de “bengalas” imaginárias para suprir o significante ausente, no caso o pai (QUINET, 2006).

Diante disto, na clínica com o psicótico, a análise ocorre por meio da transferência, colocando o analista em um lugar de Sujeito suposto Saber, que tem um conhecimento do inconsciente. O psicótico se relaciona com o analista como o objeto deste Outro, que além de deter o conhecimento sobre ele, é quem tem a certeza do saber, o que é correto para o psicótico. Então, o desejo do Outro na psicose não se equivale ao desejo do sujeito, por não constituir para ele um desejo e sim um gozo (QUINET, 2006).

O analista maneja a transferência com o intuito de barrar o gozo do Outro, inserindo, gradativamente, alguns significantes, a fim de que o psicótico simbolize. Para que o analista faça essa manobra, tem que saber em qual lugar o sujeito está colocando-o, para que assim o

psicótico possa se estabelecer como sujeito e não como objeto de gozo do Outro (QUINET, 2006).

Com o intuito de esvaziar e inserir a falta no Outro, utiliza-se da fala para que haja o esvaziamento do gozo, cindindo o Real por meio do Simbólico e introduzindo um pouco da lei de conduta. Isto posto, tal manejo vem a contribuir com a forma do psicótico se relacionar com os demais, e também, a trazê-lo para mais próximo da realidade concreta, diminuindo até mesmo a possibilidade do desencadeamento de um estado psicótico, em termos de patologia.

5. ESTADO PSICÓTICO

O sujeito que possua uma estrutura psíquica psicótica pode ou não chegar a desencadear um quadro de esquizofrenia, melancolia ou paranoia, por exemplo. Contudo, qualquer evento ou acontecimento vivido ou presenciado pelo sujeito pode vir a desencadear um desses quadros, ocasionando uma primeira crise que o desestabilizará e causará danos psíquicos e até mesmo físicos. A possibilidade proeminente de ocorrência de novas crises, cada vez mais severas e, em um espaço menor de tempo entre elas, aumenta a cada crise, assim como também os prejuízos concomitantes a elas.

Apesar do controle da ocorrência de novas crises por meio da medicação e da possibilidade de uma qualidade de vida social e pessoal com o auxílio psicoterapêutico, o sujeito possui eventuais desestabilidades, tanto emocionais quanto comportamentais, muitas delas até como efeito colateral da medicação, o que acaba por limitar sua vida em algum grau em diversas áreas, e, assim, pode vir a causar também problemas concomitantes, como a depressão, o risco de suicídio, entre outros.

No entanto, caso haja uma rede de apoio a este sujeito, com um diagnóstico adequado, tanto psiquiátrico (se houver necessidade da medicação) quanto diferencial, para que assim possa ser ofertado um tratamento correto, o sujeito vem a possuir maior qualidade de vida. Tal processo conta com o apoio e auxílio da família, com o sujeito vivendo comumente em sociedade, com o fortalecimento das relações sociais, e ainda com a compreensão de suas diferenças, sem um olhar preconceituoso, é possível garantir qualidade de vida ao sujeito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estruturas psíquicas do sujeito são formadas a partir da passagem pelos tempos do Complexo de Édipo, sendo definidas de acordo com até qual tempo o sujeito tenha passado. As possíveis estruturas são a Neurose, Perversão e Psicose. Estas possuem características específicas que as diferenciam e que determinam como ocorre o funcionamento psíquico do sujeito. Assim, possui uma estrutura neurótica aquele que tiver passado pelos três tempos do Édipo. Se passar somente pelas duas primeiras, tem-se uma estrutura perversa e, caso tenha ficado no primeiro tempo edipiano, possui uma estrutura psicótica. Diante disto, é importante compreender o complexo de Édipo como um processo comum a todos os sujeitos, sendo crucial para a formação da estrutura psíquica e, conseqüentemente, à saúde mental.

A passagem pelos tempos edipianos depende da forma como o complexo de Édipo é vivido e encarado pela criança e por aqueles que representem os papéis materno e paterno, possuindo responsabilidades neste processo. O julgamento social a respeito e a falta de conhecimento sobre o assunto gera um tabu na forma de encarar vivências comuns ao período do complexo, das quais ninguém escapa, o que vai discernir é a forma de lidar com tais aspectos.

Outro fator comum, que possui conseqüências e danos graves à sociedade em geral, refere-se à estrutura psicótica, que frequentemente é confundida com o estado psicótico, como uma patologia que é delimitada por preconceitos. No entanto, um sujeito que possua uma estrutura psicótica pode não ter desencadeado uma psicose. Até mesmo quando desencadeada, pode levar uma vida “normal”, com uma rede de apoio que compreenda a família, a psicoterapia, e a medicação, caso haja necessidade, para que assim o sujeito possa obter maior qualidade de vida, convivendo em sociedade e reduzindo a possibilidade de ter novas crises.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, nº 65, ano VII (pp. 42-44). 2012.

CESAROTTO, Oscar Angel. O discurso Lacaniano. In: PINTO, Manuel da Costa (Org.). **O Livro de Ouro da Psicanálise: O Pensamento de Freud, Jung, Melaine Klein, Lacan, Winnicott e Outros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 341 – 350.

FARIAS, Thaiz Maria da Silva; NANTES, Elaine da Silva; AGUIAR, Sirlei Maria de. Fases Psicosssexuais Freudianas. In: **IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas**. Maringa: UEM, abr. 2015.

FREUD, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: ____. O Ego e o Id e Outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 101-107.

_____. 1856 – 1939. A perda da realidade na Neurose e na Psicose. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud: **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. 1856 – 1939. II A sexualidade infantil. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud: **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. 1856 – 1939. Neurose e Psicose. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud: **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Marcio Peter de Souza. A Psicose como Paradigma. In: PINTO, Manuel da Costa (Org.). **O Livro de Ouro da Psicanálise: O Pensamento de Freud, Jung, Melaine Klein, Lacan, Winnicott e Outros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 351 – 361.

MARX, Melvin H.; HILLIX, William A. 5. Estruturalismo. In: **Sistemas e Teorias em Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2008.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. Psicose: uma Estrutura Clínica. In: **Teoria e clínica da psicose**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUINET, Antonio. Tratamento Psicanalítico da Psicose. In: **Teoria e clínica da psicose**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SADALA, Glória; MARTINHO, Maria Helena. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. **Agora**, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, p. 243-258, jul/dez. 2011.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução, prefácio e notas de Agostinho da Silva. Chile: Editora América do Sul Ltda, 1988.

VIVIANI, Alejandro Luis. Lacan e o Édipo freudiano. In: **Revista de Psicanálise Textura**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1985.